DOI: 10.33054/ABEM20212916

Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: escola livre de música como espaço inclusivo

Piano teaching and learning processes for students with cerebral palsy: free music school as an inclusive space

Procesos de ensenanza y aprendizaje del piano para estudiante con parálisis cerebral: la escuela libre de música como espacio inclusivo

Mara Síntique Del Guerra Valério
Universidade do Estado de Santa Catarina
marasintique@hotmail.com

Regina Finck Schambeck
Universidade do Estado de Santa Catarina
regina.finck@udesc.br

Resumo: Este artigo apresenta processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda (PCHEE), em uma escola livre de música entre os anos de 2018 e 2020. Utilizando uma metodologia de natureza qualitativa, e adotando a pesquisa-ação como método, buscou-se refletir sobre a ação pedagógica a partir da produção de material adaptado para o ensino do piano. O aluno tinha não só o movimento do lado esquerdo do corpo comprometido – principalmente o braço e a mão esquerda –, mas também dificuldades de locomoção. Para a realização da pesquisa, foram coletados dados de aulas individuais de piano, atividades na banda, camerata e entrevistas. Foram realizados gravações e vídeos, tendo como aporte teórico a prática reflexiva, compreendendo as transformações necessárias para os processos de ensino e aprendizagem do piano em contexto inclusivo. A pesquisa apontou novos caminhos nos processos de ensino e aprendizado do piano para um público que se encontrava afastado dessa prática instrumental. Para além das aulas de piano ministradas ao aluno, os resultados demonstraram que todo o processo de reflexão e adaptação dos materiais utilizados repercutiu significativamente na concepção e preparação das aulas também para os demais alunos com deficiência e/ou com desenvolvimento típico. Na concepção inclusiva, a escola de música proporcionou outras práticas musicais além do contexto do ensino do piano, envolvendo um conjunto de indivíduos, propiciando a todos uma interação musical e social, tornando-se verdadeiramente um espaço de trocas e aprendizagens musicais.

Palavras-chave: Educação musical. Ensino e aprendizagem do piano. Escola livre de música. Paralisia cerebral. Inclusão.

Abstract: This article presents piano teaching and learning processes for student with left spastic hemiplegic cerebral palsy (SHCP), in a free music school between the years 2018 and 2020. Using qualitative methodology and adopting action research as a method, we sought to reflect on the pedagogical action through the production of material adapted for the teaching of the piano. The student had not only the movement of the left side of the body compromised – mainly the left arm and hand – but also mobility difficulties. To carry out the research, data were collected from individual piano lessons, activities in the band, camerata and interviews. Recordings and videos were made, with the theoretical support of reflective practice comprehending the necessary transformations for the teaching and learning processes of the piano in an inclusive context. The research pointed out new paths in the teaching and learning processes of the piano for an audience that was distant from this

VALÉRIO, Mara Síntique Del Guerra; SCHAMBECK, Regina Finck. Processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com paralisia cerebral: escola livre de música como espaço inclusivo. Revista da Abem, v. 29, p. 294-316, 2021.

instrumental practice. In addition to the piano lessons given to the student, the results showed that the entire process of reflection and adaptation of the materials used had a significant impact on the design and preparation of the lessons also for other students with disabilities and/or with typical development. In the inclusive conception, the music school provided other musical practices in addition to the context of piano teaching, involving a set of individuals, providing everyone with a musical and social interaction, becoming truly a space for musical exchanges and learning.

Keywords: Music education. Teaching and learning the piano. Free music school. Cerebral palsy. Inclusion.

Resumen: Este artículo presenta los procesos de enseñanza y aprendizaje de piano para estudiantes con parálisis cerebral hemipléjica espástica izquierda (PCHEI), en una escuela de música libre entre los años 2018 y 2020. Utilizando una metodología cualitativa, y adoptando la investigación-acción como método, se buscó reflexionar sobre la acción pedagógica a partir de la producción de material adaptado para la enseñanza del piano. El alumno no solo tenía comprometido el movimiento del lado izquierdo del cuerpo, principalmente el brazo y la mano izquierdos, sino también dificultades de movilidad. Para llevar a cabo la investigación, se recopilaron datos de lecciones individuales de piano, actividades en la banda, camerata y entrevistas. Se realizaron grabaciones y videos, con el sustento teórico de la práctica reflexiva, comprendiendo las transformaciones necesarias para los procesos de enseñanza y aprendizaje del piano en un contexto inclusivo. La investigación señaló nuevos caminos en los procesos de enseñanza y aprendizaje del piano para un público alejado de esta práctica instrumental. Además de las lecciones de piano impartidas al alumno, los resultados mostraron que todo el proceso de reflexión y adaptación de los materiales utilizados tuvo un impacto significativo en el diseño y preparación de las lecciones también para otros estudiantes con discapacidad y/o con desarrollo típico. En la concepción inclusiva, la escuela de música brindó otras prácticas musicales además del contexto de la enseñanza del piano, involucrando a un conjunto de individuos, brindando a todos una interacción musical y social, convirtiéndose verdaderamente en un espacio de intercambio y aprendizaje musical.

Palabras clave: Educación musical. Enseñanza y aprendizaje del piano. Escuela de música libre. Parálisis cerebral. Inclusión.

Introdução

Este artigo originou-se de pesquisa de mestrado finalizada cujo foco estava centrado nos processos de ensino e aprendizagem do piano para um aluno com hemiplegia espástica esquerda (HEE), considerada uma variável da paralisia cerebral (PC). Pretende-se neste texto apresentar as características da ação pedagógica desenvolvida com esse aluno em uma escola livre de música no período de 2018 a 2020, promovendo reflexões sobre os materiais existentes (partituras, cifras) para o ensino e aprendizagem do piano, passíveis de adaptação para o contexto inclusivo. Por outro lado, pretende-se dar voz aos participantes da pesquisa, elucidando, por meio das entrevistas realizadas com o aluno, a mãe e os demais estudantes da escola, que o trabalho de educação musical inclusivo vai além do espaço da sala de aula de instrumento, ultrapassando a interação professor/aluno. Na concepção inclusiva, a escola de música envolveu um conjunto de indivíduos, propiciando a todos uma interação musical e social, tornando-se verdadeiramente um espaço de trocas e aprendizagens musicais.

Para melhor compreensão sobre a PC e seus reflexos no desenvolvimento cognitivo e motor, buscou-se inicialmente apoio na literatura sobre a temática relacionada a esse assunto. Os autores Dini e David (2009), Rosenbaum, Nigel, Leviton, Goldstein, Bax, Damiano, Bernard e Jacobsson (2007), Shields, Loy, Murdoch, Taylor, Dodd (2007) e Morris (2007) ajudaram a compreender a PC como um grupo de desordens permanentes do desenvolvimento do movimento e da postura corporal, causando limitação de atividades e distúrbios

no desenvolvimento do cérebro fetal ou infantil. Os autores citados também mencionam que a HEE é um tipo de paralisia que atinge um lado do corpo e o deixa debilitado, podendo ocorrer quando há complicações na gravidez ou quando há disfunções cerebrais. Portanto, para os autores mencionados, a PC pode aparecer de forma diferente nas pessoas em diferentes fases da vida. Sendo assim, classificar a PC requer parâmetros diferentes que são embasados nas características que cada indivíduo apresenta que servem como base para essa classificação. Os autores afirmam ainda a relevância das pessoas com PC serem submetidas a reabilitação desde o conhecimento dos primeiros sintomas, e notou-se no levantamento das publicações que a música é uma das ferramentas utilizadas no tratamento. Na sequência, houve busca também sobre a PC e o ensino do piano com possível adaptação de partituras. Com essa temática, foram encontrados estudos de Guerra (2014) e Oliveira e Farias (2010), que realizaram pesquisas em que descrevem que a música pode trazer para pessoas com paralisia cerebral benefícios no desenvolvimento motor, cognitivo e melhora na interação nas aulas de música. Também foi feito levantamento dos autores da educação musical inclusiva, a partir das contribuições de Schambeck (2016), Power e McCormack (2012), Mendes, Silva e Schambeck (2012), Ockelford (2000, 2012) e Ockelford, Welch e Zimmerman (2002), que discorrem sobre os processos de ensino e aprendizagem para pessoas com deficiência, ressaltando a inclusão desses alunos no meio musical.

Schambeck (2016) realizou pesquisas sobre a formação do professor e as políticas públicas de inclusão no Brasil abordando a interface com a educação musical. A autora discorre que a inclusão de alunos com deficiência pode oportunizar diversas maneiras de aprendizado para o grupo todo, em que poderão ser ressaltadas as capacidades de cada indivíduo. Na mesma perspectiva, Ockelford (2000, 2012) e Ockelford, Welch e Zimmerman (2002) realizaram pesquisas na Inglaterra sobre a inclusão de pessoas com deficiência nas aulas de música. Os autores apontam que a interação musical pode ocorrer de várias maneiras, sejam elas nas aulas em grupo ou individuais, com o ensino de um instrumento específico ou pelos conteúdos da musicalização. Os autores mencionados apontam, ainda, que o professor pode facilitar a interação musical entre os indivíduos e a música. A intermediação trazida por Ockelford (2000, 2012) e Ockelford, Welch e Zimmerman (2002) pode ocorrer de diversas maneiras, dentre elas a adaptação dos materiais e preparação para que todos participem das aulas. Sobre essa ótica, Mendes, Silva e Schambeck (2012) e Power e McCormack (2012) realizaram pesquisas em que discorrem sobre a relevância das adaptações dos materiais e objetos pedagógicos. Mendes, Silva e Schambeck (2012) apontam como objetos pedagógicos aqueles que podem ser utilizados em propostas educativas com objetivo de romper as práticas tradicionais do ensino, oportunizando a inclusão de alunos com deficiência nas aulas de música. Sobre a mesma concepção, Power e McCormack (2012) desenvolveram pesquisa em que relatam os processos de ensino e aprendizagem do piano para aluno com deficiência visual. As autoras descreveram as abordagens e adaptações feitas na trajetória musical do estudante. Notou-se que a literatura é rica em publicações e pesquisas

sobre a inclusão de pessoas com deficiência em diferentes contextos, mas com escassez de publicações sobre os processos de ensino e aprendizagem do piano para alunos com PCHEE.

Sendo assim, após a análise das produções bibliográficas sobre a temática pesquisada, houve melhor compreensão das abordagens e estratégias que podem ser utilizadas no contexto da educação musical para pessoas com deficiência embasadas por meio dos teóricos da prática reflexiva. Entre os autores consultados sobre a prática reflexiva, podemos destacar as contribuições de Pimenta e Ghedin (2006), Zeichner (2008), Alarcão (2001) e Schön (2000). Estes autores expõem a prática reflexiva como um movimento internacional que se refere ao professor que reflete sobre a própria ação. Segundo os autores, o profissional que volta o olhar ao passado pode modificar a ação futura, compreendendo novos caminhos para os processos de ensino e aprendizagem. Dessa maneira, considerou-se neste texto a reflexão da ação pedagógica voltada para a análise da ação passada, sobre a ação presente e a ação futura, como mencionadas por Schön (2000).

Portanto, o texto foi organizado com a apresentação do contexto da pesquisa, dos objetivos e da metodologia; análise da ação passada; análise sobre a ação presente e seus reflexos na ação futura e, por fim, discussão dos dados e análises dos resultados obtidos nos processos de ensino e aprendizagem do piano sobre a perspectiva inclusiva.

Acredita-se que a pesquisa possa contribuir para outros profissionais do campo da música que buscam, por meio das práticas inclusivas de educação musical, proporcionar aos estudantes com PC caminhos de aprendizagem de um instrumento musical.

Contexto e participantes da pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola livre de música, localizada na cidade de Bauru (SP), que atendia na ocasião 200 alunos. Dentre eles, 5% apresentavam algum tipo de deficiência, como paralisia cerebral (PC), síndrome de Down (SD), autismo e deficiência intelectual (DI). Como possuía uma estrutura física e pedagógica adequada, a direção da escola sempre se mostrou pronta para receber alunos com deficiência e incentivou seu ingresso nos cursos de música. Para tanto, garantiu acessibilidade, como rampa de acesso, salas térreas e orientação pedagógica para os professores que eventualmente atuassem com alunos com deficiência. Na escola são oferecidos cursos de sopro, teclas, cordas, bateria, canto, prática em banda e camerata. Verificou-se a participação dos alunos com deficiência nos cursos de piano, canto, bateria e prática em banda; dentre eles, Pedro,[1] (12 anos em 2018), com diagnóstico de PCHEE. O aluno foi escolhido como participante por ser notada a escassez de publicações sobre a temática na área da educação musical e também pela família e o aluno se mostrarem dispostos a participarem da pesquisa.

[1] Nome fictício, para preservar a identidade do aluno.

Segundo relatos de familiares, Pedro não andava nos primeiros anos de vida e possuía limitações motoras, o que dificultava a convivência social, pois passava a maior parte do tempo no ambiente familiar. Ele foi submetido a tratamentos no Centro de Reabilitação Sorri Bauru,[2] e recebia estímulos da família, que procurava manter um ambiente estimulador e prazeroso, buscando brincadeiras e atividades que desenvolvessem a coordenação motora. O contato com a música teve início desde que conseguiu balbuciar as primeiras palavras. Como não conseguia andar, assistia a muitos vídeos musicais e cantava com eles, tanto que foi presenteado com o primeiro microfone aos 3 anos de idade. Percebendo que Pedro se identificava com a música, a mãe o matriculou na escola de ensino musical em 2012. Nessa época, Pedro, que estava com 6 anos de idade, ainda não havia desenvolvido o movimento do lado esquerdo do corpo e tinha dificuldades de locomoção. Por apresentar essas dificuldades motoras, sua mãe o acompanhava e o auxiliava quando necessário. O aluno não teve as funções cognitivas afetadas. Segundo relato da professora, Pedro se mostrou simpático e com um humor incrível, sempre interagiu com outros alunos da escola de música e manifestou estar disposto a superar os desafios nos processos de ensino e aprendizado musical.

Inicialmente as aulas de música do aluno eram direcionadas para o ensino do canto. Após seis meses, foram divididas com os processos de ensino do piano. De 2012 a 2018,[3] o aluno evoluiu gradativamente nos critérios rítmicos, melódicos e motores, com aprendizado da leitura musical e dos acordes representados pelas cifras. Nesse período, o aluno pôde participar das apresentações promovidas pela escola, das aulas de prática em banda, além de executar peças com a camerata da escola. Para o presente artigo, considera-se apenas o período de coleta de dados da pesquisa realizada entre 2018 e 2020, recorte que apresenta as reflexões e as análises das aulas e das entrevistas realizadas com Pedro, sua mãe, o diretor da escola de música e dois colegas que participaram de atividades com o aluno.[4]

Caminhos metodológicos da pesquisa

A metodologia qualitativa foi considerada apropriada para esta pesquisa que investigou a ação pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem do piano de um aluno com PCHEE com embasamento teórico da prática reflexiva (Alarcão, 2001; Pimenta; Ghedin, 2006; Schön, 2000; Zeichner, 2008). Flick (2009) aponta que a metodologia qualitativa se caracteriza por descrever e analisar fenômenos sociais de diversas maneiras, analisando experiências de indivíduos ou grupos, examinando comunicações e interações e investigando documentos.

Bogdan e Biklen (1994) discorrem sobre a importância de incluir nas pesquisas de educação pessoas de diversas idades e materiais que possam

[2] Para saber mais sobre o projeto, consultar: https://sorribauru.com.br/.

[3] Para conhecer mais sobre o desenvolvimento do aluno Pedro nesse período, ver Augusto (2020).

[4] Entrevistas concedidas a Mara Síntique Del Guerra Valério, em Bauru, em outubro de 2019.

contribuir para aumentar o conhecimento tanto no contexto escolar quanto do seu entorno. Nessa perspectiva, a pesquisa qualitativa foi importante, pois foi possível conjugar tanto a experiência dentro do ambiente da escola livre como para além dele. Procuramos destacar também relatos sobre a participação social de Pedro e suas relações com outras pessoas do espaço educativo, para ajudar a dar a dimensão das relações estabelecidas e a complexidade do fenômeno a ser pesquisado (Penna, 2015). Portanto, acredita-se que a pesquisa qualitativa se mostrou adequada para que houvesse melhor compreensão da ação pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem do piano sob a perspectiva inclusiva.

Como já mencionado no item "Contexto e participantes da pesquisa", foram considerados neste artigo os dados coletados entre 2018 e 2020. Para o desenvolvimento desta pesquisa, adotou-se o método da pesquisa-ação. Lankshear e Knobel (2008, p. 13-14) definem pesquisa-ação como pesquisa pedagógica e afirmam que esse tipo de pesquisa pode envolver profissionais "cuja sala de aula está sob investigação", e consideram que os professores pesquisadores podem adquirir conhecimento relevante para tomar decisões metodológicas apropriadas nas atividades abordadas em sala de aula.

Nessa mesma perspectiva, Bresler (2006) expõe que o professor investigador pode proporcionar mudanças efetivas ao cenário educativo, com propósitos mais abrangentes para modificar a prática pedagógica e os caminhos metodológicos nos processos de ensino e aprendizagem. Sobre essa perspectiva, Lankshear e Knobel (2008, p. 14) afirmam que o professor que investiga a própria prática, quando tem consciência do processo, pode conduzir essas pesquisas em meios acadêmicos, oportunizando que outros profissionais consigam "adaptar ou implementar [materiais; no caso desta pesquisa, partituras] para além do cenário original".

Ao adotarmos o método da pesquisa-ação, foi possível dimensionar a importância do papel da professora no contexto de sala de aula e mensurar todo o desenvolvimento de construção das práticas pedagógicas para o contexto inclusivo, redimensionando-as à medida que o aluno Pedro incorporava avanços nos processos de ensino e aprendizagem musical. Como afirma Bresler (2006, p. 94), quando o professor se dispõe a investigar a própria prática, há um reflexo nas abordagens em sala de aula, visto que ele seleciona os temas por si próprio, diante do contexto em que está inserido, modificando suas "atitudes e crenças, mais do que uma imposição do exterior".

Para identificarmos os impactos dos processos de ensino e aprendizagem do piano para o aluno com PCHEE, adotamos como ferramentas de coleta de dados a entrevista semiestruturada e a análise de vídeos das aulas em três contextos: aulas individuais de piano, ensaios com a banda e participações com a camerata da escola. As aulas e ensaios tinham em média duração de 50 minutos e eram filmados integralmente, durante o segundo semestre de 2019, extraindo-se os pontos principais em relação à ação pedagógica da professora frente aos desafios e o desenvolvimento do aluno mediante as adaptações dos materiais. Para o escopo deste artigo, serão analisadas as entrevistas observando-se um roteiro com ênfase em três categorias principais de questões.

A primeira focava nas aulas de piano; a segunda categoria, na prática em banda; e a terceira, nos ensaios com a camerata que Pedro frequentava no período mencionado (2019). Ressalta-se que as entrevistas foram transcritas, categorizadas e analisadas, dialogando com a literatura.

Para a escolha dos entrevistados, consideramos os que tiveram mais contato com os processos de ensino e aprendizagem musical do aluno: a mãe, o diretor da escola de música e dois colegas que executaram peças nos contextos da banda e da camerata. Pedro também foi entrevistado para que a gama de informações pudesse ser ampliada. A mãe o acompanhou desde o seu ingresso nas aulas de música. O diretor, por fazer parte da equipe da escola, acompanhou a evolução musical do Pedro. O colega 1 é aluno do curso de piano e executou duas peças a dois pianos com Pedro, uma no contexto com a banda e outra com a camerata. O colega 2 é aluno do curso de violino e faz parte da camerata da escola. As entrevistas, portanto, enriqueceram as análises por trazerem a perspectiva de outros sujeitos que frequentam a escola de música. Serão utilizadas as abreviações "MP" para nos referirmos à mãe de Pedro, "D" para o diretor, "C1" para o colega 1 e "C2" para o colega 2.

O momento da coleta de dados é retratado por Bogdan e Biklen (1994, p. 113) como "trabalho de campo". Eles dizem que o pesquisador deve ter proximidade com o cenário do sujeito investigado, entrando no mundo dele. Os autores recomendam que o investigador entre em campo para aprender e absorver o que o sujeito tem para relatar, compreendendo sua maneira de pensar.

Para que a pesquisa fosse desenvolvida respeitando todos os critérios éticos, ela foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisas Envolvendo Seres Humanos da Universidade do Estado de Santa Catarina.[5]

Estratégias e abordagens

Os relatos coletados nas entrevistas com MP, Pedro, D, C1 e C2 incorporaram à investigação dados relativos à ação pedagógica e aos materiais adaptados que foram elaborados na trajetória dos processos de ensino e aprendizagem do piano em contexto inclusivo. Sendo assim, esses dados permitiram destacar os desafios, os caminhos percorridos e os reflexos da aprendizagem e da inclusão, proporcionando um olhar mais longínquo nas análises desse material.

As entrevistas da mãe e a de Pedro foram feitas concomitantemente devido à interação entre ambos, muitas vezes com respostas que se complementavam. Sendo assim, ao analisar as falas da mãe e do próprio aluno, originou-se a primeira categoria: **"O instrumento piano: reabilitação *versus* ensino"**.

A educação musical em oposição à musicoterapia é um tema abordado por Peterson e Nystrom (2011), que apontam a diferença existente entre uma e

[5] A pesquisa foi aprovada junto ao Comitê de Ética da Universidade do Estado de Santa Catarina mediante o parecer consubstanciado nº 3.588.798, de 30/10/2019.

outra. Os autores afirmam que é comum as pessoas próximas aos alunos com deficiência confundirem a educação musical com a musicoterapia, e explanam de maneira clara que a música como terapia tem um diálogo autocentrado, ou seja, há estímulos para o paciente interagir com a música, enquanto nos processos de ensino e aprendizagem a interação é entre professor e aluno. Nessa perspectiva, Louro (2016) salienta que é importante diferenciar educação musical de musicoterapia. Embora a autora destaque que as práticas da educação musical e da musicoterapia são diferentes, ambas possuem como objetivo o indivíduo e a música. Nesse sentido, Bruscia (2016) aponta sobre a relevância e significância na relação que deve existir entre paciente e terapeuta no âmbito da musicoterapia. O autor afirma que "a música proporciona ao cliente oportunidades para desenvolver relações multifacetadas dentro e entre si", apontando ainda sobre as relações significativas entre "cliente com o terapeuta e com a música", e refere-se à definição de "relações formadas" como sendo aquelas já estabelecidas "pelos clientes e terapeuta em suas vidas, incluindo suas relações com a música, tanto quanto as relações que são propositadamente e subsequentemente formadas durante o processo terapêutico" (Bruscia, 2016, p. 59-60). Embora o autor se refira às relações entre paciente e terapeuta, nota-se que na educação musical para pessoas com deficiência as relações de confiança e afetuosidade são desenvolvidas em proporções semelhantes entre professores e alunos, oportunizando que os indivíduos vivenciem música, seja para fins terapêuticos ou educacionais.

Por outro ângulo, Ockelford (2000) aponta uma questão em que a musicoterapia se destaca em relação à educação musical para pessoas com deficiência: a distinção na formação dos profissionais. O autor afirma que a realidade para a educação inclusiva é diferente daquela praticada na musicoterapia, visto que há vários cursos disponíveis e reconhecidos por órgãos governamentais para quem queira ser musicoterapeuta. Em contraposição, para o professor de música que queira trabalhar com a educação musical para pessoas com deficiência, não há formação ou treinamento específico. Dessa maneira, para o autor, a musicoterapia se destaca em relação à educação musical para pessoas com deficiência devido ao seu caráter formativo.

Portanto, quando MP e Pedro foram questionados sobre quais eram os objetivos de matriculá-lo nas aulas de piano, notou-se que a princípio o foco era a reabilitação dos movimentos, principalmente da mão esquerda. A seguir, um trecho da entrevista que elucida o interesse nas aulas de música.

> MP: A música entrou na vida dele por um gosto pessoal. A gente não tinha noção da música como terapia ou, sei lá, como algum instrumento para ajudar no desenvolvimento dele. Aí, com o tempo é que a gente foi percebendo que ele vinha melhorando fisicamente, melhorou a concentração, né, a postura, melhorou tudo isso, até o comportamento parece que melhorou [risos].

Pelo relato da mãe, observa-se que a princípio ela percebeu melhoras físicas e cognitivas. Sob esta ótica, Ockelford (2000) afirma que a consciência corporal, o movimento e a coordenação podem melhorar por meio de um instrumento ou

de um simples ato de mover-se diante de um som. Considerando a colocação do autor, nota-se que, quando há interesse de uma pessoa pelo aprendizado musical, além dos conteúdos e conceitos que fazem parte do processo, poderá ocorrer o desenvolvimento corporal e cognitivo. Portanto, as melhoras relatadas pela MP estão presentes no cotidiano de pessoas que aprendem música ou que participam de atividades musicais frequentemente. Pedro também relata sobre a sua melhora motora ao ingressar nas aulas de piano:

> Eu acho que me ajudou muito, tanto na agilidade quanto no desenvolvimento de cada dedo não só da mão, mas do corpo inteiro, pois meu corpo tombava e não me equilibrava. Tenho mais postura de ficar reto, assim ajuda em várias coisas.

Observa-se novamente o destaque para a melhora física e motora. Ockelford (2000) questiona se não haveria uma mistura de componentes educacionais e terapêuticos no contexto de ensino para pessoas com deficiência devido ao fato de o professor ter que ser próximo ao aluno para poder entendê-lo melhor e consequentemente proporcionar o ensino musical. O autor afirma ainda que as crianças que frequentam a musicoterapia também adquirem conhecimentos musicais, como sensibilidades tonais e rítmicas. Portanto, as discussões de Ockelford (2000) levariam a reflexões aprofundadas, mas, como o próprio autor aponta, a educação musical e a musicoterapia se diferem em seus objetivos primários e secundários. A primeira tem como objetivo primário os processos de ensino e aprendizagem que consequentemente desenvolverão de maneira secundária a coordenação e os movimentos, entre outros. A segunda tem como objetivo primário a resposta do sujeito ao que o autor chama de "bem-estar"[6] colocando como secundários os elementos da compreensão e do conhecimento musical.

Neste cenário, Ockelford, Welch e Zimmerman (2002) realizaram estudos com pessoas com deficiências moderadas e profundas e puderam observar os diferentes objetivos entre a musicoterapia e a educação musical e concluíram que aprender música pode ocorrer em diversos ambientes para diferentes pessoas, com ou sem deficiência. Dessa maneira, nota-se que a educação musical e a musicoterapia são dicotômicas em suas práticas, mas priorizam o sujeito, tanto para fins terapêuticos como educacionais.

Nos relatos de MP e Pedro, nota-se que o objetivo primário de o aluno fazer aulas de música era a reabilitação, mas houve, no decorrer do trajeto, a percepção do desenvolvimento musical por meio da ação pedagógica, que estava direcionada para as finalidades educacionais e não terapêuticas. Sendo assim, a segunda categoria criada a partir das falas dos sujeitos entrevistados foi **"Materiais adaptados"**.

A adaptação de materiais ou de objetos pedagógicos é retratada por Mendes, Silva e Schambeck (2012) como estratégia que pode promover a inclusão das pessoas com deficiência no ambiente escolar. Na perspectiva das autoras,

---

[6] No original: "well-being" (Ockelford, 2000, p. 215).

a ação do professor de elaborar estratégias e construir objetos pedagógicos pode favorecer os processos de ensino e aprendizagem dos alunos com deficiência, proporcionando que esses alunos frequentem os contextos educacionais. Tendo isso em vista, a estratégia de adaptar cifras e músicas existentes pôde promover a inclusão de Pedro no ambiente escolar musical. Nota-se pela fala de MP que adaptar as partituras e cifras puderam manter a frequência do aluno nas aulas de piano. Abaixo, trecho que demonstra como foram adaptados os materiais:

> MP: Então isso daí eu achei incrível, porque eu não sabia que tinha como fazer isso. Foi o que fez a diferença, porque senão com o tempo ele ia acabar desistindo, não ia querer mais.

Dois pontos da fala de MP merecem destaque: o primeiro refere-se às práticas tradicionais do ensino, quando ela diz que "não sabia que tinha como fazer isso", e o segundo elemento encontrado é o fator "tempo", pois, nesse contexto, os processos de ensino e aprendizagem do piano foram mais extensos.

As práticas de ensino do piano tradicional são consideradas por Pereira (2014) como aquelas em que se dá preferência para a música erudita ocidental, distanciando as demais possibilidades de aprendizado do instrumento. Nessa perspectiva, Glaser e Fonterrada (2006) também trazem reflexões sobre os professores de música que buscam resultados nos alunos em relação à alta performance na execução de um instrumento musical. Mediante as reflexões dos autores, nota-se que as práticas docentes tradicionais valorizam o produto final, e não o processo de ensino. Considerando o contexto apresentado, as abordagens seriam distintas das tradicionais. Adaptar os materiais existentes seria uma maneira de redefinir o que já estava pronto, promovendo um norte pedagógico e permitindo que o aluno com PCHEE frequentasse as aulas de piano. Portanto, as adaptações puderam romper paradigmas, abrindo novas perspectivas nos processos de ensino e aprendizado do piano.

Um exemplo dessas adaptações pode ser observado na peça "Over the rainbow". Por ter familiaridade com a música, Pedro sentiu-se entusiasmado quando iniciou o seu estudo. A peça foi colocada no repertório em 2019. Como o aluno já possuía conhecimento de determinados conteúdos musicais, a adaptação da música foi elaborada considerando-se os seguintes critérios para o desenvolvimento do aprendizado musical (andamento lento e compasso 4/4):

- Extensão melódica para mão direita na clave de sol: uma oitava (do Dó 3 ao Dó 4).
- Extensão melódica para a mão esquerda na clave de fá: quinta (do Fá 2 ao Dó 3).
- Rítmico: diferenciação entre as figurações rítmicas aprendidas nos anos anteriores à pesquisa (semibreve, mínima, semínima e colcheia).
- Motor: mais agilidade na execução da colcheia.

Para melhor entendimento, temos a seguir a partitura para piano solo adaptada para Pedro:
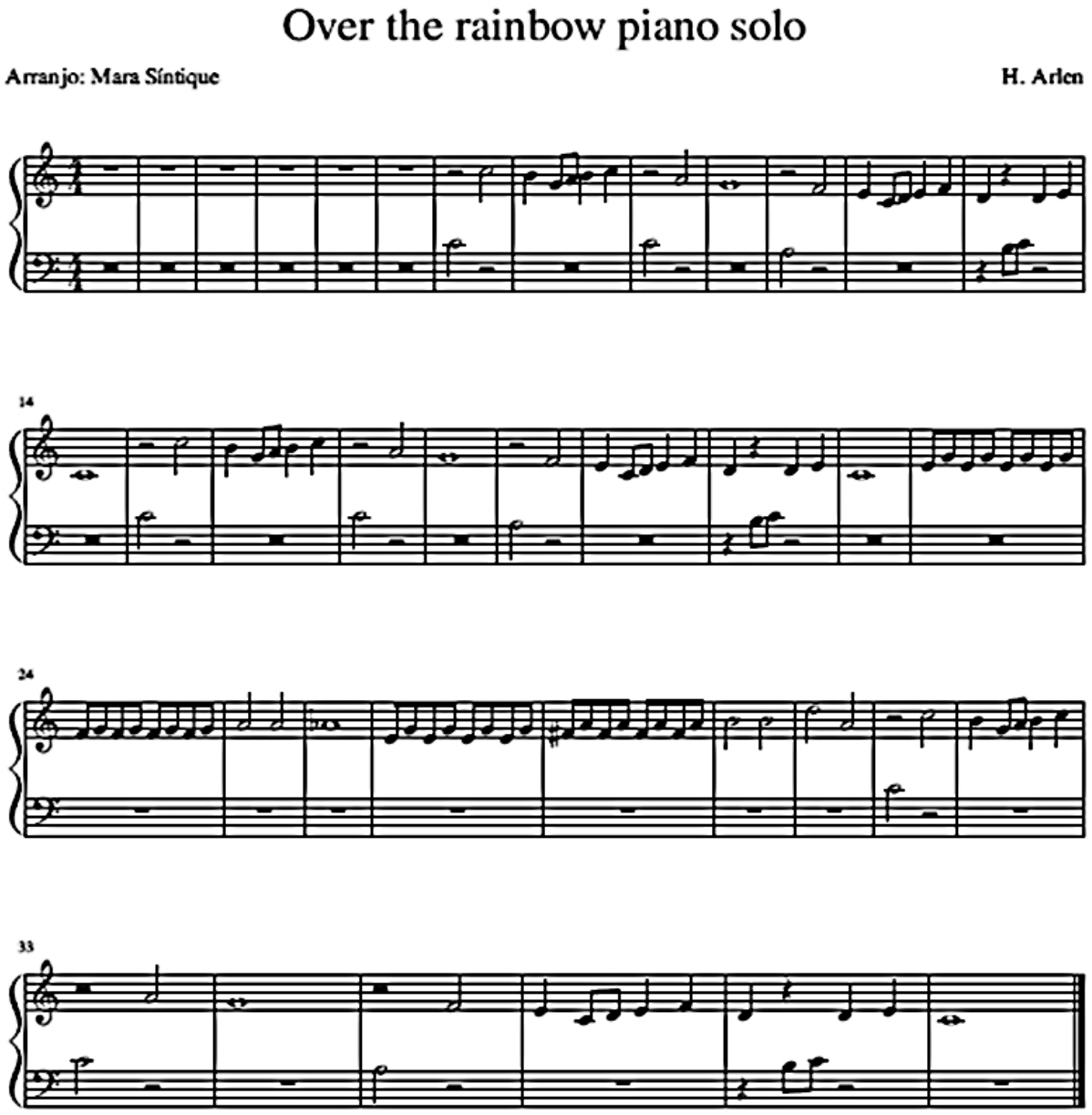


Figura 1: "Over the rainbow". Adaptação com base em Harnold (1939).

Considerando a adaptação elucidada na Figura 1, a ação pedagógica para a elaboração da partitura foi voltada para que a melodia principal fosse dividida entre as mãos, com sequências de colcheias nos compassos 23 a 24 e 27 a 28, em que os desafios seriam manter o pulso (mesmo em andamento

lento) e o uso das teclas pretas do piano. No decorrer das aulas, notou-se que o aluno apresentou dificuldades motoras em coordenar a execução das duas mãos e também em diferenciar as semínimas das colcheias propostas para a mão direita. Os exercícios para fixação rítmica eram feitos por meio dos solfejos e de uma elaboração específica do dedilhado para o contexto apresentado. Como o aluno tinha conhecimento musical prévio (sobre o qual se discorreu no item "Contexto e participantes da pesquisa"), Pedro conseguia entender pela escrita na partitura a diferença rítmica entre colcheias e semínimas, mas não conseguia executá-las no instrumento piano nos momentos iniciais do aprendizado da música. Na ocasião, Pedro não tinha uma rotina de estudos fora do ambiente musical escolar. Dessa maneira, a ação pedagógica no momento da aula foi direcionada para que o aluno priorizasse o trecho isoladamente em andamento mais lento que o habitual, de modo que os dedos adquirissem força e memória muscular. A ação estava sendo movida de maneira intuitiva diante das dificuldades que o aluno apresentava naquele momento. Sobre isso, Welch e Ockelford (2010) expõem que os professores atuantes na educação musical especial muitas vezes agem de maneira intuitiva, pois raramente têm materiais disponíveis para pesquisa de como praticar os processos de ensino e aprendizagem em contexto inclusivo. Portanto, a ação pedagógica inicialmente foi de maneira intuitiva, mas, no decorrer do processo, nas demais aulas, após a superação motora para a execução das semínimas e colcheias, puderam ser solucionadas as dificuldades em relação à intensidade e à coordenação motora entre as mãos no momento da execução do instrumento.

Os pontos notados referem-se ao compasso 9 (ver Figura 1), em que a mão esquerda não atinge a mesma intensidade sonora que a mão direita. Comparando ambas as mãos, observou-se que a mão direita executava em *forte* e a mão esquerda, em *piano*. Notou-se que a diferença motora existente entre as mãos estava causando o desequilíbrio sonoro na melodia, portanto, a ação pedagógica deveria estar atenta à igualdade de intensidade entre as mãos, refletindo e buscando novas estratégias que favorecessem a execução da peça nesse contexto.

Sendo assim, a fim de que a melodia principal soasse com equidade, foram pensadas estratégias de equilíbrio sonoro entre as mãos. A estratégia adotada inicialmente para que as mãos obtivessem igualdade entre si foi a execução da peça adaptada pela professora para que o aluno pudesse entender o equilíbrio sonoro. Outra abordagem realizada em aula foi o exercício em que o aluno executava a mão esquerda e a professora, a mão direita. A ação pedagógica da professora pôde proporcionar ao aluno ao logo do aprendizado da música a consciência do "ouvir" musical. Welch e Ockelford (2010) retratam que o professor que busca incluir alunos com deficiência nos contextos escolares tem a postura de transformar atitudes negativas em positivas e de romper barreiras organizacionais. Nessa perspectiva, Schön (2000) aponta que o professor deve estar atento para criar estratégias e instruções para que os potenciais do aluno que está tentando sejam ressaltados. Dessa maneira, a ação pedagógica de refletir sobre a ação presente pôde modificar a ação futura

e transformar frases ditas por Pedro nas aulas, como “Nossa, esse trecho é difícil”, em “Nossa, consegui”. Dessa maneira, abre-se caminho para novos desafios e superações nos processos de ensino e aprendizado do piano em contexto de inclusão.

A proximidade com a música e os desafios superados até então motivaram o aluno a estudar o instrumento. Aos poucos, Pedro passou a chegar à escola de música uma hora antes das aulas para estudar nos pianos disponíveis. Assim, ele criou uma rotina de estudo, evoluiu sua coordenação motora e melhorou o equilíbrio da intensidade entre as mãos.

Observa-se também que os materiais adaptados a partir das partituras existentes e as abordagens e estratégias adotadas nas aulas de piano foram relevantes no segundo elemento elucidado acima, encontrado nas análises do trecho da entrevista de MP: tempo. Devido às questões motoras, os processos de ensino e aprendizagem do piano foram mais demorados, pois o ensino era realizado gradativamente, respeitando as subjetividades motoras do aluno. Nessa perspectiva, considera-se que a estratégia de adaptar as partituras e cifras existentes no âmbito do repertório popular foi motivadora e estimuladora para que o aluno superasse o desafio temporal. Portanto, a ação pedagógica de adaptar os materiais permitiu que o aluno se mantivesse estimulado a frequentar as aulas de piano. C2 faz um relato sobre o tempo e a consciência musical:

> Eu acho que ele evoluiu bastante, até porque demorou um certo tempo para ele tocar com todo mundo. E das últimas vezes, que eu tenho mais memória, da proficiência que ele tem você percebe que o Pedro e um outro pianista, na mesma idade, dá no mesmo.

C1 e D também relatam a evolução do aluno no piano e a aquisição da consciência do aprendizado musical.

> C1: Bom, o Pedro é uma pessoa supersimpática e você percebe que ele sabe o que está fazendo, ele sabe o que está tocando, ele tem consciência e ele tem controle daquilo que ele está fazendo. Ele sabe quando ele erra, ele sabe quando ele acerta [...], mas o legal é que ele não está ali perdido, fazendo só uma repetição. A gente vê que [ele faz] de maneira mais simples, mas o efeito é o mesmo.
> D: O aluno Pedro, quando chegou aqui na escola, ele veio como um aluno que não sabia nada de música e aos poucos foi demonstrando interesse, foi se sociabilizando com os demais alunos da escola. Hoje é uma pessoa muito querida aqui por todos e conseguiu ser incluído nas atividades da escola, tanto que ele participa dos recitais, das bandas, dos recitais de piano solo. Ele canta também, além de tocar piano, então ele participa das bandas tocando, cantando, enfim, é bem bacana.

Nota-se nos relatos que a consciência do aprendizado musical é o ponto em comum nas falas dos entrevistados nos diferentes contextos em que Pedro participou (aulas individuais de piano, camerata e banda). Considera-se a partir das análises que a ação pedagógica na adaptação desses materiais foi estratégia relevante para a aquisição do conhecimento dos conteúdos musicais e das maneiras de execução no instrumento piano sob outra ótica. Ockelford, Welch e Zimmerman (2002) entendem que fazer música de maneira consciente requer do executante habilidades motoras, auditivas e de coordenação do som com a execução.

Portanto, ao adquirir essas habilidades, Pedro pôde executar peças que fazem parte do cotidiano familiar e participar das aulas da prática em banda, o que o motivou ainda mais a participar das aulas de música. Ockelford (2000), ao discorrer sobre a adequação das atividades para as faixas etárias, diz que é desafiador para os professores fornecer materiais pedagógicos propícios para as crianças mais velhas em relação à cultura e à formação social. Sendo assim, a participação nas bandas permitiu que Pedro tivesse contato com músicas do próprio cotidiano, tais como "Ouvi dizer" e "Meu abrigo",[7] e também que fosse integrado em outras atividades oferecidas pela escola. MP relata a participação do aluno nas aulas da banda:

> […] você poderia proteger ele na banda, "ah, deixa ele ali só para fingir que ele está participando", mas não, e esses desafios fazem a pessoa melhorar, se desenvolver como ser humano […]. Todo mundo é capaz de fazer o que quiser, e acho que tudo isso ele está aprendendo.

Mediante o relato de MP, nota-se que a ação pedagógica de adaptar as cifras e partituras promoveu equidade nos processos de ensino e aprendizagem do piano para o aluno com PCHEE, pois, ao frequentar a banda, as estratégias adotadas eram para que todos participassem da aula, respeitando as particularidades de cada aluno. Mendes, Silva e Schambeck (2012, p. 155) retratam que "não se trata de simplesmente adaptar as atividades para os alunos com deficiência", e sim de "pensar em atividades das quais todos os alunos possam participar e com elas aprender". Dessa maneira, ao analisar a fala dos entrevistados, conclui-se que a adaptação dos materiais por meio da ação pedagógica pôde integrar o aluno no contexto educacional, permitindo a superação dos desafios e trazendo novas possibilidades nos processos de ensino e aprendizado do piano.

As pessoas com deficiência podem enfrentar desafios mais acentuados quando se dispõem a aprender algo, tal como relatado anteriormente, quando nos referimos às dificuldades motoras apresentadas no contexto da pesquisa. Pedro se deparou com dificuldades na coordenação motora, na articulação dos dedos, demandando mais tempo e paciência no aprendizado musical. Sendo assim, a terceira categoria gerada a partir das análises das falas dos

[7] Banda Melim (2017a, 2017b).

sujeitos entrevistados, intitulada **"O ensino do piano em contexto de inclusão: desafios e possibilidades de aprendizagem em espaço inclusivo"**, refletiu sobre o fator temporal e as novas possibilidades de aprendizado do instrumento piano.

Sobre o tempo de aprendizado, Mendes, Silva e Schambeck (2012, p. 115-116) apontam que "o fator tempo é mais demorado no processo de ensino e aprendizagem em contexto de inclusão". MP relata sobre o desafio temporal encontrado nas aulas:

> Nas aulas? [...] de perseverar, de se dedicar, tem que ter muito estudo para tocar esse instrumento [...] quem não nasce com esse dom [...]. Ele tinha dificuldade para decorar as notas, para acertar os tempos da música [...].

Nota-se no relato de MP que o tempo e a perseverança do Pedro e da professora foram desafios constantes na trajetória do aprendizado musical nos fatores motores e musicais. Outro fator percebido na entrevista com MP é a crença no "talento inato", ressaltando o tradicionalismo no ensino do piano. Lemos (2012) expõe que o tradicionalismo existente em torno do instrumento piano afasta a divulgação e a adoção de novos ideais. Considerando a posição do autor, nota-se que o talento, a alta performance nos processos de ensino e o aprendizado do piano são incentivados há séculos. Compositores como Liszt, Chopin, entre outros, escreveram peças que exigem dos intérpretes técnica na execução com um virtuosismo que transcorre, por séculos, a tradição nos processos de ensino e aprendizado do piano. Portanto, os alunos considerados "não talentosos" ou com deficiência foram afastados do ensino do piano.

Na sequência da fala de MP, observa-se que o desafio inicial de "não ter o dom" foi transformado em possibilidade de "perseverar, se dedicar", buscando novos desafios para Pedro no aprendizado do piano. Esses desafios estiveram presentes nos processos de ensino, pois as estratégias e abordagens do aprendizado eram novas. Houve confiança dos pais na prática pedagógica que foi desenvolvida, incentivando a permanência do aluno no ambiente escolar musical. No entanto, as novas abordagens pedagógicas no ensino do piano nem sempre foram exitosas: havia reflexão, questionamento e mudança de estratégia diante dos desafios.

Dessa maneira, a busca por novos referenciais era constante, mas as partituras e os materiais disponíveis para o ensino do piano para pessoas com deficiência eram escassos; portanto, adaptar, ressignificar o que já existia foi uma das maneiras encontradas para traçar um caminho de ensino mais seguro, o que demandava mais tempo de preparação. Um exemplo de adaptação do material existente foi a peça "O índio alegre", do livro *Meu piano é divertido* (Botelho, 1985), cuja execução Pedro descreve como um dos momentos de superação. Pedro conta:

> A música do "Índio" [...]. Porque ela era difícil, com duas notas na mão esquerda, aí você adaptou para mim.

A música mencionada por Pedro, “O índio alegre”, é popular entre os alunos da escola de música onde a pesquisa foi realizada. Uma das características dessa peça é a utilização da mão esquerda, que sugere um caráter de acompanhamento em relação à mão direita (com extensão de Dó 3 a Sol 3). Além disso, também possui duas notas (intervalo de quinta) com sonoridade familiar ao contexto musical dos estudantes. Para melhor compreensão, segue abaixo as partituras original (Figura 2) e adaptada (Figura 3):
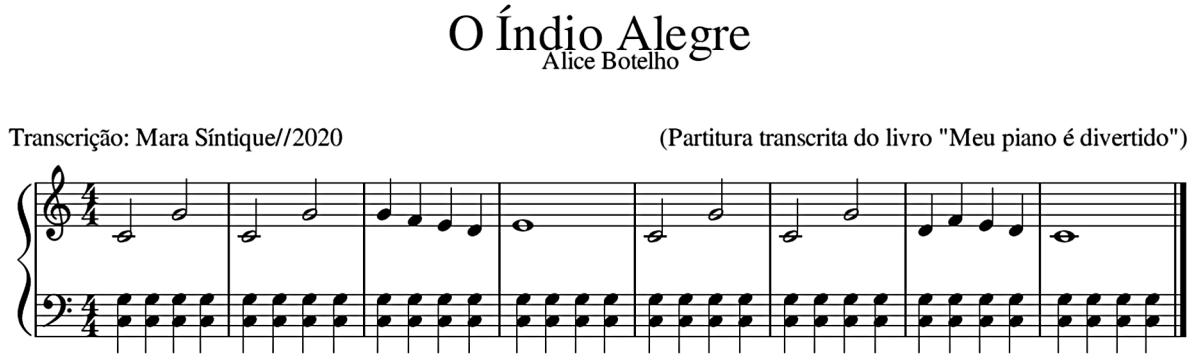


Figura 2: Transcrição da música 49 do livro *Meu piano é divertido*.
Botelho (1985, p. 54)
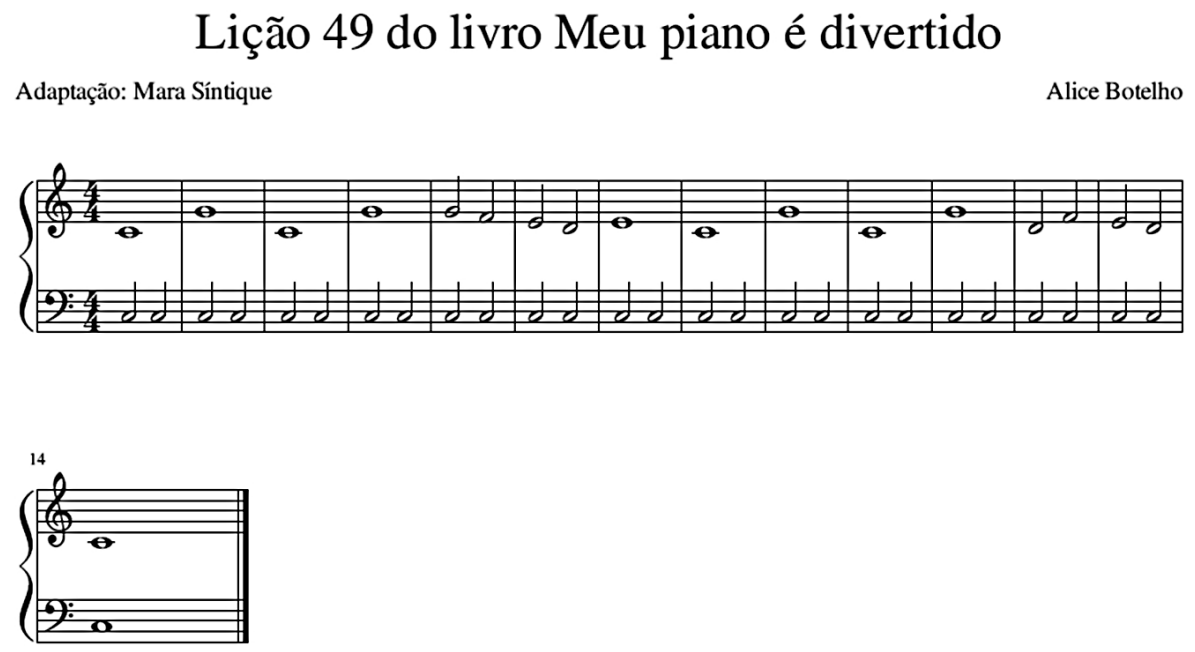


Figura 3: Adaptação da música 49 do livro *Meu piano é divertido*.
Fonte: elaborada pelas autoras, 2014.

Observa-se na comparação entre as Figuras 2 e 3 que na partitura original a mão esquerda deve ser executada com dois dedos (o que na ocasião não era possível no contexto apresentado), portanto, a adaptação prezou por manter o caráter de acompanhamento, no entanto com uma só nota, o que proporcionou ao aluno a execução da música. Outra estratégia utilizada pela professora foi a redução das durações das notas (ver Figuras 2 e 3) respeitando a subjetividade de Pedro, que, segundo seu relato, sentiu-se inserido[8] no meio escolar musical, visto que nesse momento ele ainda não participava das aulas em grupo. Nesse âmbito, a peça o aproximou dos demais alunos no campo do aprendizado do piano, gerando uma espécie de euforia com a possibilidade de execução de uma música popular com os demais colegas. Nesse sentido, Ockelford, Welch e Zimmerman (2002) apontam, em estudo realizado com alunos com dificuldades de aprendizado graves ou profundas, que a música pode ser fator significativo na vida desses alunos, desenvolvendo a aprendizagem musical e também os fatores sociais, emocionais, cognitivos e motores, motivando-os para novos desafios. Portanto, pode-se afirmar que a adaptação de partituras existentes promoveu a inclusão do aluno no contexto educacional musical.

Observou-se que coletar relatos e informações das pessoas próximas a Pedro sobre os processos de ensino e aprendizado do piano enriqueceu as análises da pesquisa, pois nos permitiu entender os objetivos familiares ao matricular o aluno nas aulas de música, refletindo sobre os olhares dos demais sujeitos entrevistados em relação aos materiais adaptados e à consciência do aprendizado musical do aluno. Notou-se também o incentivo da família frente aos desafios encontrados, que puderam ser transformados em possibilidades mediante a ação pedagógica de adaptar os materiais, que, associada ao trabalho em parceria – família e professora –, pôde incluir e integrar o aluno nas atividades em grupo oferecidas pela escola. Considera-se que as entrevistas também complementaram o leque de informações coletadas nas aulas individuais e em grupo sobre a ação pedagógica e seus reflexos nos processos de ensino e aprendizado do piano para aluno com PCHEE.

Considerações finais

A educação musical inclusiva entende que as pessoas com deficiência podem participar ativamente das aulas de música. Nessa perspectiva, observou-se que a reflexão sobre a ação pedagógica para os processos de ensino e aprendizado do piano para aluno com paralisia cerebral hemiplégica espástica esquerda pôde discutir novas práticas e abordagens no ensino do instrumento. Com base na prática reflexiva, na abordagem qualitativa e no método da pesquisa-ação, a pesquisa se apoiou em três eixos principais: **ação pedagógica**, **materiais adaptados** e **inclusão**.

[8] A professora relata que Pedro fez vários colegas na escola de música, mantendo contato no ambiente e fora do contexto escolar musical.

Para melhor compreensão dos três eixos mencionados, foram coletados dados por meio das entrevistas realizadas com o aluno, sua mãe, o diretor e demais estudantes da escola de música, e também das gravações em vídeos nas aulas de piano no contexto individual e em grupo. A reflexão-na-ação e a reflexão sobre a ação trouxeram elementos de discussão e análise dos materiais adaptados que, segundo os dados coletados, oportunizaram a inclusão do aluno nas aulas de piano. Nessa perspectiva, notou-se que os processos de ensino e aprendizagem para aluno com PCHEE foram direcionados com a finalidade de ressaltar as capacidades musicais do aluno, trazendo para o campo da educação musical novas propostas e abordagens para o ensino do piano.

A pesquisa mostrou que os materiais existentes puderam ser norteadores para as adaptações das partituras, e que as estratégias adotadas pela professora, por meio da ação pedagógica da adaptação, puderam promover desenvolvimento motor e compreensão dos conteúdos rítmicos e melódicos. No entanto, mesmo com as adaptações, o desafio temporal esteve presente no cotidiano, devido aos processos de ensino e aprendizagem serem realizados de forma mais lenta, observando-se as dificuldades apresentadas em cada etapa do processo. O fator "tempo" e a crença do "talento inato" *versus* "perseverar e se dedicar" puderam ser superados a cada aula devido à interação e à confiança que foram construídas ao longo dos anos de estudo. Ao entrevistar os participantes da pesquisa, foram criadas as categorias: **"O instrumento piano: reabilitação *versus* ensino"**, **"Materiais adaptados"** e **"O ensino do piano em contexto de inclusão: desafios e possibilidades de aprendizagem em espaço inclusivo"**, com discussão entre educação musical e musicoterapia, materiais adaptados e os desafios e as possibilidades encontradas no percurso do ensino do piano em contexto de inclusão. Portanto, notou-se, com o apoio da literatura internacional, que educação musical e musicoterapia são temas recorrentes e frequentemente confundidos. Contudo, no escopo desta pesquisa observou-se que a educação musical pode ser proporcionada a todas as pessoas, com deficiência ou não, excluindo-se o caráter de terapia. Nessa perspectiva, os materiais adaptados, incluindo as adaptações das partituras, os exercícios de preparação das peças, mostraram-se relevantes, pois desenvolveram no aluno a consciência do aprendizado musical, respeitando-o como ser capaz de executar o instrumento piano. Sob essa ótica, quando a pessoa com deficiência é respeitada em suas subjetividades e integrada às atividades da escola, ela passa a ser atuante junto aos demais. No caso desta pesquisa, o aluno desenvolveu a habilidade de executar piano nos contextos solo e em grupo.

Os desafios encontrados nos processos de ensino e aprendizado do piano no contexto apresentado puderam ser superados e transformados em possibilidades devido à adoção de novas estratégias e abordagens realizadas por meio da ação pedagógica. Outro fator relevante na superação dos desafios foi o diálogo, que proporcionou o trabalho em conjunto entre instituição, família, professora e aluno, rompendo barreiras no ensino do instrumento piano. Ao superar os desafios, as possibilidades de aprendizado foram notadas por

Pedro e por outros estudantes do seu entorno, motivando-o para a continuidade das aulas de piano. Nesse contexto, a inclusão deixou de ser um documento escrito, uma política pública, e tornou-se realidade, beneficiando todos – família, Pedro, instituição, colegas – e propiciando interação musical e social.

Ao analisar o material gravado das aulas individuais e em grupo e os dados das entrevistas, observou-se a importância de o professor ser flexível e buscar alternativas para que alunos com deficiência sejam inclusos nas aulas de música. Nessa perspectiva, a reflexão-na-ação e sobre a ação permitiram que as estratégias adotadas fossem repensadas constantemente, o que reverberou positivamente não apenas no aluno, que passou a estudar fora do ambiente escolar, criando proximidade entre Pedro e o instrumento, mas também nos contextos das aulas e nas interações social e musical dos alunos. A interação social pôde ser observada nos diálogos com os demais alunos da escola, e a musical, quando o aluno executou com equidade junto aos demais alunos do grupo.

Realizar a pesquisa permitiu compreender com mais profundidade as práticas de ensino e aprendizado do piano em contexto de inclusão. Refletir sobre a ação pedagógica possibilitou modificar o olhar para a ação docente futura, repercutindo de maneira significativa nas aulas para os demais alunos. A reflexão e a discussão sobre os três eixos norteadores da pesquisa – ação pedagógica, materiais adaptados e inclusão – proporcionaram novas estratégias e abordagens para os processos de ensino e aprendizado do piano. Discutir novas abordagens para o ensino do piano pode trazer novas perspectivas de pesquisa no âmbito da educação musical, proporcionando o acesso, a inclusão e a integração dos alunos com deficiência nos ambientes musicais.

Referências

ALARCÃO, Isabel (org.). *Escola reflexiva e nova racionalidade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

AUGUSTO, Mara Síntique Del Guerra Valério. *Ação pedagógica de uma professora de piano*: um estudo reflexivo sobre a inclusão de aluno com hemiplegia espástica. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Centro de Artes, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020. Disponível em: https://sistemabu.udesc.br/pergamumweb/vinculos/000081/000081c9.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.

BOTELHO, Alice. *Meu piano é divertido*. São Paulo: Ricordi, 1985. v. 1.

BRESLER, Liora. Etnografía, fenomenología en educacíon musical. Tradução: Andréa Giraldez. *In*: DIAS, Maravillas (org). *Introducción a la investigación en educación musical*. Madrid: Eclave Creativa, 2006. p. 83-99.

BRUSCIA, Kenneth E. *Definindo musicoterapia*. Trad: Marcus Leopoldino. 3. ed. [*S. l.*]: Barcelona Publishers, 2016.

DINI, P.; DAVID, A. C. Repetibilidade dos parâmetros espaço-temporais da marcha: comparação entre crianças normais e com paralisia cerebral do tipo hemiplegia espástica. *Revista Brasileira de Fisioterapia*, São Carlos, v. 13, n. 3, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbfis/a/nyNhW338WHKZZJsQR7spVXM/?lang=pt.

FLICK, Uwe. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Trad. Roberto Cataldo Costa. Consultoria, supervisão e rev. téc. Dirceu da Silva. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa, coordenada por Uwe Flick).

GLASER, Scheilla; FONTERRADA, Marisa. Ensaio a respeito do ensino centrado no aluno: uma possibilidade de aplicação no ensino do piano. *Revista da Abem*, Porto Alegre, v. 15, p. 91-99, set. 2006.

GUERRA, Andreza Simoni. *A musicalização da criança com paralisia cerebral no contexto do projeto música e cognição*. 2014. Dissertação (Mestrado em Música) – Setor de Artes, Comunicação e Design, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/37092. Acesso em: 8 jul. 2019.

HARNOLD, Alen. *Over the rainbow*. Coral. [*S. l.: s. n.*], 1939. 1 partitura.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. *Do projeto à implementação*. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LEMOS, Daniel. Considerações sobre a elaboração de um método de piano para ensino individual e coletivo. *Revista do Conservatório de Música da UFPel*, Pelotas, n. 5, p. 98-125, 2012.

LOURO, Viviane. (org.). *Música e inclusão*: múltiplos olhares. São Paulo: Som, 2016.

MELIM. *Meu abrigo*. [*S. l.: s. n.*], 2017a. 1 partitura.

_____. *Ouvi dizer*. Saxofone. [*S. l.: s. n.*], 2017b. 1 partitura.

MENDES, Geovana Mendonça Lunardi; SILVA, Maria Cristina da Rosa Fonseca; SCHAMBECK, Regina Finck. *Objetos pedagógicos*: uma experiência inclusiva em oficinas de artes. Araraquara: Junqueira & Marin, 2012.

MORRIS, Christopher. Definition and classification of cerebral palsy: historical perspective. *Developmental Medicine & Child Neurology*, [*s. l.*], v. 49, p. 3-7, 2007.

OCKELFORD, Adam. Music in the education of children with severe or profound learning difficulties: issues in current UK provision, a new conceptual framework, and proposals for research. *Psychology of Music*, [*s. l.*], v. 28, n. 2, p. 197-217, 2000.

_____. Songs without words: exploring how music can serve as a proxy language in social interaction with autistic children who have limited speech, and the potential impact on their wellbeing. *In*: MACDONALD, Raymond; KREUTZ, Gunter; MITCHELL, Laura. *Music, health and wellbeing*. [*S. l.*]: Oxford Scholarship Online, 2012. p. 1-40.

OCKELFORD, Adam; WELCH, Graham; ZIMMERMANN, Sally. Music education for pupils with severe or profound and multiple difficulties: current provision and future need. *British Journal of Special Education*, [*s. l.*], v. 29, n. 4, p. 178-182, 2002.

OLIVEIRA, Arildomar Pinheiro de; FARIAS, Cláudia Regina Rodrigues. Paralisia cerebral e o ensino do piano: estudo de caso. *Ethos & Episteme*: revista de ciências humanas e sociais da FSDB, ano VI, v. XI, p. 48-58, jan./jun. 2010. Disponível em: https://www.fsdb.edu.br/_files/ugd/74b2ff_10cb85a5c6644160aacb211660139974.pdf. Acesso em: 20 jan. 2021.

PENNA, Maura. *Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. *Revista da Abem*, Londrina, v. 22, n. 32, p. 90-103, 2014.

PETERSON, Gunnar; NYSTROM, Maria. Music artist performance or therapeutic tool? A study on diferences. *International Journal of Music Education*, [*s. l.*], v. 29, n. 4, 2011.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. (org.). *Professor reflexivo no Brasil*: gênese e crítica de um conceito. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

POWER, Anne; MCCORMACK, Dorothy. Piano pedagogy with a student who is blind: an australian case. *International Journal of Music Education*, [*s. l.*], v. 30, n. 4, 2012.

ROSENBAUM, Peter; NIGEL, Paneth; LEVITON, Alan; GOLDSTEIN, Murray; BAX, Martin; DAMIANO, Diane; BERNARD, Dan; JACOBSSON, Bo. A report: the definition and classification of cerebral palsy. *Developmental Medicine & Child Neurology*, [*s. l.*], v. 49, p. 8-14, 2007.

SCHAMBECK, Regina Finck. F. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. *Revista da Abem*, Londrina, v. 24, n. 36, p. 23-35, jan./jun. 2016.

SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo*: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SHIELDS, Nora; LOY, Yijun; MURDOCH, Alison; TAYLOR, Nicholas; DODD, Karen. Self-concept of children with cerebral palsy compared with that of children without impairment. *Developmental Medicine & Child Neurology*, [*s. l.*], v. 49, p. 350-354, 2007.

WELCH, Graham; OCKELFORD, Adam. Music for all. *In*: HALLAM, Susan; CREECH, Andrea (ed.). *Music education in the 21st century in the United Kingdom*: achievements analysis and aspirations. London: Institute of Education, University of London: Bedford Way Papers, 2010. p. 36-54.

ZEICHNER, Kenneth M. Uma análise crítica sobre a "reflexão" como conceito estruturante na formação docente. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 29, n. 103, p. 535-554, maio/ago. 2008.

Recebido em 21/01/2021, aprovado em 28/07/2021

Mara Síntique Del Guerra Valério é bacharel em piano; pedagoga; pós-graduada em Educação; mestre em Música pelo Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e Doutoranda em Música pelo mesmo programa. Participa do Grupo de Pesquisa Música e Educação – Muse. Atuou como professora de música na educação infantil e ensino fundamental I. Atualmente coordena e leciona em escola livre de música com ênfase em piano, canto, prática em banda e educação musical inclusiva. https://orcid.org/0000-0003-3387-4719

Regina Finck Schambeck é doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora associada da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). Integra os programas de pós-graduação em Música (PPGMUS), Mestrado Profissional em Artes (ProfArtes) e em Educação (PPGE). Participa do Grupo de Pesquisa Música e Educação – Muse, onde atua como pesquisadora na área de educação musical, dando ênfase à formação de professores. Dedica-se também à educação inclusiva, mais especificamente, à inclusão de alunos com deficiências nas escolas e a repercussão das políticas públicas de educação especial na formação dos professores de música. É organizadora e coautora do livro *Processos e práticas em educação musical: formação e pesquisa* (Fino Traço, 2019), coautora dos livros *The preparation of music teachers: a global perspective* (Anppom, 2015), *A formação do professor de música no Brasil* (Fino Traço, 2014) e *Objetos pedagógicos: uma experiência inclusiva em oficinas de artes* (Junqueira & Marins Editores, 2012). https://orcid.org/0000-0002-3479-1846